

*Corpo, envelhecimento e felicidade**

Talita Castro**

Da criogenia ao carnaval carioca, passando pela denúncia de degradantes instituições asilares de longa permanência e pelos meandros da indústria da beleza. Certamente, a maior riqueza de *Corpo, Envelhecimento e Felicidade*, coletânea organizada pela antropóloga Mirian Goldenberg, é a diversidade de abordagens teóricas e registros empíricos sobre processos de envelhecimento na sociedade brasileira contemporânea, além de uma contribuição internacional de origem francesa e um trabalho mais amplo, sobre mudanças nas mentalidades e sensibilidades em relação à morte no Ocidente ao longo de um grande período de tempo. Lançado no final de 2011, o livro traz textos e temas abordados em um seminário internacional homônimo, realizado em setembro do ano anterior no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde Goldenberg atua como professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia.

Interdisciplinar em sua origem, o livro que resulta do encontro acadêmico traz contribuições de diferentes áreas das humanidades, como sociologia, demografia, comunicação, *marketing*, saúde coletiva e antropologia. Diversos entre si, os textos mantêm uma linguagem clara e acessível, em acordo com uma das propostas da carreira de Goldenberg, bastante voltada ao trabalho de divulgação científica. Temas como corpo, sexualidade, cuidados de si e dos outros, juventude e jovialidade, morte, saúde e doença são trabalhados nos artigos, com base em diferentes matrizes teóricas, compondo um quadro bastante diverso e

* Resenha de GOLDENBERG, Mirian. (org) *Corpo, Envelhecimento e Felicidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. Recebida para publicação em 17 de abril de 2012, aceita em 02 de maio de 2012.

** Doutoranda em Antropologia Social no PPGAS, Unicamp. talitapcastro@gmail.com

interessante sobre as múltiplas experiências de envelhecimento que afetam e devem continuar afetando, sobretudo, a geração de homens e mulheres atualmente na casa dos sessenta anos de idade. Como destaca Goldenberg na Apresentação, essa geração é o “objeto privilegiado das reflexões do livro” (p.8).

Embora alguns artigos não toquem especificamente na questão do envelhecimento, ao abordarem temas afins, como corpo e etnia¹, evidenciam que interseção entre os marcadores sociais da diferença parece ter sido elemento analítico crucial. Um exemplo nesse sentido é o trabalho de Andrea Moraes Alves, que chega a afirmar que “a perspectiva geracional é fundamental para a compreensão do gênero como relação social que se constitui contextualmente” (p.174).

Ainda que essencial, no entanto, a dimensão de gênero parece estar muitas vezes subentendida nas abordagens sobre envelhecimento, sugerindo uma espécie de neutralização do dimorfismo sexual na idade avançada. Ou ainda, uma naturalização da feminilidade nas discussões sobre envelhecimento. Nesse sentido, a contribuição de Rogério Lopes Azize é importante, pois problematiza a relativamente recente medicalização da saúde sexual masculina a partir dos quarenta anos de idade. Em “A ‘evolução da saúde masculina’: virilidade e fragilidade no *marketing* da disfunção erétil e da andropausa”, o autor nos traz uma reflexão sobre a publicidade farmacêutica que crescentemente vem construindo, por meio de relações retóricas entre envelhecimento, felicidade e vida sexual ativa, um mercado de drogas de estilo de vida – *life-style drugs*, no original – voltadas para a restauração de uma qualidade de vida própria à juventude do homem, quando ele supostamente não costumava ter

¹ Esse é o caso do texto de Yvone Maggie, “A cor e os corpos jovens e velhos”, com forte posicionamento político, que traz uma reflexão sobre o debate entre cotas raciais em oposição a posturas individuais de destaque independentemente de grupos étnicos.

problemas com seu desempenho sexual.² O texto traz informações sobre o crescente mercado das drogas de aprimoramento e sobre as diferenciadas estratégias de *marketing* das indústrias farmacêuticas para médicos e pacientes. Ampliando os sintomas relacionados a patologias da saúde sexual masculina, a indústria contribui para a construção de uma moral baseada no contínuo exame do corpo e do aumento das ansiedades masculinas.

O conjunto de textos se divide entre inspirações sobre dados empíricos, relacionados a trabalhos de pesquisa específicos, e exercícios de reflexão mais amplos, de cunho propriamente teórico. No primeiro caso, por exemplo, encontra-se “Consumo da beleza e envelhecimento: histórias de pesquisa e de tempo”, de Roberta Campos e Letícia Casotti, da área de estudos do comportamento do consumidor. Neste artigo, as autoras estabelecem uma espécie de curva que relaciona envelhecimento feminino com o que chamam de consumo da beleza. Quanto mais jovem, menos dinheiro e importância a mulher destinaria ao consumo de itens sofisticados da indústria cosmética.

Alguns textos da coletânea se destacam pelo exercício etnográfico centrado no corpo e em seus movimentos. Um deles é o de Jean-François V éran, “‘Respeito é bom e elas merecem’: uma antropologia do vagão feminino no metrô do Rio de Janeiro”, que faz uma interessante reflexão sobre a política pública do transporte público carioca que institui, nos horários de maior movimento, a reserva de um vagão para uso exclusivo de mulheres. “Em sua justificativa formal, a Lei Estadual n^o 4.633/2006 tem um só objetivo: proteger as mulheres de abusos

² Aqui o autor insere uma noção que é retomada no texto de Paula Sibilia, que comentarei mais à frente: por meio de análises de discursos midiáticos, os autores encontram a ideia de que a verdadeira essência da pessoa encontra-se em sua juventude, para a qual ela tentaria retornar, por meio das mais diversas atitudes, durante a velhice. “O passar do tempo é visto como um processo de decadência, a medicalização visa a conter esse processo. Corre nas entrelinhas do discurso, de forma mais ou menos explícita, uma certa ideia de uma masculinidade essencial, vivida no tempo passado, nos anos de juventude” (p.187).

sexuais no espaço do transporte público” (p.275). Por meio da descrição de situações ocorridas dentro e fora do vagão especial e de depoimentos de usuários do metrô, homens e mulheres, favoráveis e contrários à legislação, Véran expõe as múltiplas dinâmicas de gratificação, compensação, sedução consentida, gentileza, violência e discriminação vivenciadas diariamente dentro do gendricado “espaço de empreendedorismo moral” (p.277) em que se constituem as instalações do metrô carioca. Ainda que não focado especificamente no tema do envelhecimento, esse brilhante texto serve de forte inspiração e reflexão pela fineza de detalhes da descrição e de exposição de argumentos sobre um tema tão polêmico quanto delicado.

Alexandre Werneck também exercita de maneira excitante o esforço etnográfico partindo, no entanto, de uma matriz teórico-metodológica diferente, menos popular, sobretudo entre pesquisadores brasileiros. Em “A velhice como desculpa”, Werneck parte do interacionismo simbólico para construir um modelo de compreensão da velhice para além das fronteiras etárias, mas sim dentro de uma dinâmica moral de piedades, estranhamentos e favores que possibilitam a inserção social daquele que, antes de se identificar ou não como velho, opera com a velhice. Partindo de uma pesquisa de campo dentro de supermercados da cidade do Rio de Janeiro, Werneck busca compreender as licenciosidades e desapontamentos que marcam as relações entre usuários e funcionários que se posicionam variadamente em relação à velhice e a utilizam como motivo para determinados comportamentos, como a paquera ou a exigência ou não de um lugar adiantado na fila do caixa.

Outro exemplo etnográfico é o trabalho de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, “Baianas e Velha Guarda: corpo e envelhecimento no carnaval carioca”, que aborda trajetórias de vida de homens e mulheres dentro de escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro. Segundo a autora, as referidas alas vão além da apresentação no desfile carnavalesco, na medida em que ritualizam a própria relação de antiguidade das pessoas com a

agremiação, com o cotidiano daquela coletividade. Retratam as trocas de serviços, os afetos e os cuidados entre os componentes na escola, que quase sempre se confundem em relações familiares e de vizinhança. Por isso, acabam se tornando espaços privilegiados para a ritualização do envelhecimento, com base em clivagens de gênero: para mulheres, trata-se da elaboração da imagem da mãezona³ e, para homens, da valorização da tradição e das habilidades musicais e de composição dentro do samba.

Dois textos abordam a questão das relações sociais – de amizade, afetivas e/ou sexuais – em contextos de envelhecimento, tomando-as como elementos para a percepção e compreensão da mulher em determinadas fases da vida. Um deles é o de Germano Penalva e Cláudia Pereira, que constroem o argumento de “‘Mulher-Madonna’ e outras mulheres: um estudo antropológico sobre a juventude aos 50 Anos” por meio de entrevistas com mulheres cariocas consideradas jovens por familiares e amigos, e chegam a três tipos ideais: entre as que assumem os cinquenta anos de idade com orgulho e trabalham fisicamente a fatalidade do tempo, por meio de uma rotina pesada de exercícios físicos, tratamentos estéticos, cosméticos e cirúrgicos; as que buscam elementos da juventude no relacionamento com pessoas mais jovens; e as que escondem a idade cronológica e os esforços que fazem para rejuvenescer. Com isso, os autores alinhavam as distinções entre as categorias juventude e jovialidade. Dessa forma, acabam sofisticando a própria noção de juventude como um valor na sociedade contemporânea, que vem sendo trabalhada por Guíta Grin Debert (2004:21-44), ao ilustrar a complexidade do chamado espírito jovem e das suas formas de reconhecimento.

Em outro artigo, “Gerações em perspectiva: os sentidos da sexualidade feminina na velhice e na vida adulta”, Andrea Moraes Alves elabora um quadro comparativo sobre afetividade e

³ “O prestígio da Baiana associa-se, assim, à prodigalidade, à fartura, à comensalidade, à figura da ‘mãezona’ que remete ao acolhimento de todos, em especial dos jovens, e a transforma em uma espécie de dona de casa, pois lhe transfere a responsabilidade de tornar a escola [de samba] em ‘casa’.” (p.255)

sexualidade de mulheres de duas gerações (nascidas entre 1937 e 1945 e entre 1958 e 1970), buscando alinhar tais temas no contexto contemporâneo que produz o indivíduo cada vez mais como um projeto, um projeto reflexivo do eu, assim como proposto por Anthony Giddens (2002). Nos dois grupos geracionais, a autora entrevistou algumas mulheres que se identificaram como lésbicas, que já tinham tido ou não relações sexuais e afetivas com homens. Diferenças substanciais entre as gerações foram detectadas em relação à iniciação sexual dessas mulheres, suas prioridades em relacionamentos afetivos e suas opiniões a respeito de relações não monogâmicas e infidelidade.

Uma das ideias fortes do texto diz respeito à busca por relações cada vez mais simétricas por parte das entrevistadas mais jovens, tanto entre as que se identificam como heteros quanto as que se entendem como homossexuais. A possibilidade relativamente recente de experimentação afetiva e sexual antes do casamento teria contribuído para a solidificação de uma ideia de crescimento mútuo entre os pares, da busca por um aprimoramento do relacionamento que seria, ele mesmo, um aprimoramento de cada um dos envolvidos. Cada relação, para as entrevistadas mais jovens, constitui uma oportunidade nova para o desenvolvimento de suas habilidades sexuais e afetivas, entendidas como importantes para o matrimônio e para a identidade individual. Em contraste a esse ideal aparecem os padrões afetivos e sexuais das mulheres mais velhas, que se casaram afetiva e sexualmente inexperientes e, na maior parte dos casos, perpetuaram insatisfeitas esses relacionamentos por força de normas tradicionais de matrimônio e família.

A questão das especificidades do envelhecimento levando em conta a dimensão geracional é trabalhada de maneira detida em dois momentos da coletânea. Um deles está no final do artigo de Myriam Moraes Lins de Barros, “A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira” que, como o próprio título indica, faz um balanço das perspectivas sobre o tema no campo acadêmico nacional. Uma das ideias fortes do texto é a de um

movimento aparentemente ambivalente de afrouxamento das marcas etárias e de institucionalização da idade cronológica.

Importante formalmente, a idade cronológica, crescentemente, perde força na contemporaneidade como um determinante dos comportamentos a serem seguidos pelas pessoas. Para a autora, essa seria a principal característica da percepção do envelhecimento pela geração, sobretudo de mulheres, nascida na década de 1940, constituinte das camadas médias urbanas das grandes cidades brasileiras. Para estas, contemporâneas da chamada ideologia da terceira idade como resultado da transformação da velhice em questão social, a idade avançada parece não vir acompanhada de imperativos morais relacionados à estagnação: “...os ideais de liberdade e autossuficiência individual estão presentes em sua trajetória de vida e não são apenas um projeto de viuvez na velhice” (p.57).

Aparecida Fonseca Moraes também traz uma importante reflexão sobre a questão geracional, desta feita em um contexto específico do envelhecer: aquele constituído pelos discursos e pelas práticas acerca da prostituição feminina. Em “*O corpo prostituído nas práticas discursivas de Organizações de Direitos Humanos*”, a autora reconstrói os argumentos de instituições especializadas no trato com o assunto que estabelecem claras distinções entre dois grupos, mais uma vez por meio da interface entre gênero e curso da vida. E, de certa forma, a distinção que se estabelece entre prostitutas adultas e meninas prostituídas inverte os sinais geralmente associados às gerações: enquanto as jovens são marcadas pela deterioração e pela necessidade de tutela, as prostitutas mais velhas são vistas como experientes, livres e tão bem sucedidas nas tarefas de cuidado de si que se tornam, inclusive, responsáveis pela difusão de políticas públicas de saúde sexual, responsáveis pelo cuidado também do outro. O envelhecimento, portanto, traz conotações positivas ao contexto da prostituição feminina, na medida em que os sinais da maturidade afastam a mulher de uma posição fragilizada e a aproximam de um ideal de individualização e autossuficiência.

Em contrapartida a essa visão positiva do envelhecimento, a coletânea apresenta artigos que retratam contextos nos quais a idade avançada pode ser acompanhada por sofrimento e penosas adaptações no estilo e ritmo de vida das pessoas. O exemplo mais claro nesse sentido é o texto de Clarice Ehlers Peixoto, “Sobre a institucionalização da velhice e as condições de asilamento”, que faz uma análise bastante crítica de dois modelos de instituições asilares brasileiras de longa permanência. Por meio de uma análise etnográfica e comparativa de uma instituição privada e uma pública da cidade do Rio de Janeiro, a autora encontra distintos interesses guiando o tratamento com a pessoa idosa, a despeito das reclamações dos internos em relação à alimentação e aos vícios dos funcionários nas duas instituições.

No primeiro caso, nota-se uma orientação financeira e comercial, na medida em que a instituição analisada contava com poucos funcionários e uma estrutura bastante precária, apesar das altas mensalidades pagas pelos internos e seus familiares. No segundo, após uma mudança administrativa, a instituição pública de grande porte analisada passou a valorizar um tratamento da pessoa idosa que buscava o respeito pela individualidade e cidadania de seus internos. A possibilidade outorgada a grande parte dos internos de contato e circulação relativamente livres com o mundo exterior foi apontada como uma das principais iniciativas nesse sentido. Seu texto termina com recomendações sobre esse tipo de instituição asilar, a fim de evitar, a todo custo, diferentes formas de violência institucional e a transformação desses espaços em depósitos de velhos, marcados pela exclusão.

O texto de Roberto Veras, “Novos desafios para o jovem país envelhecido” também traz importantes recomendações visando ao prolongamento da qualidade de vida de idosos, desta feita com base no campo da saúde coletiva. O diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade da UFRJ procura demonstrar como o modelo de tratamento atual não está calcado nos ideias de prevenção de agravos e integração entre esse tipo de assistência e aquela baseada nos cuidados curativos. A

precariedade dos serviços oferecidos faz com que “o primeiro atendimento ocorra em estágio avançado, dentro do hospital, o que aumenta os custos e diminui as chances de um prognóstico favorável” (pp.331–332).

De certa forma, o prolongamento da qualidade de vida e das capacidades funcionais da pessoa idosa também é o tema de discussão de Vincent Caradec, que traz a única contribuição propriamente internacional do livro em “Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo”. O texto traz os dados de uma pesquisa realizada na França e tem como principal preocupação a inserção da temática do corpo, até então praticamente inédita, no campo da sociologia do envelhecimento francesa. Partindo de uma abordagem fenomenológica, Caradec busca compreender a relação entre a identificação de sinais externos da pessoa como indicadores do envelhecimento, por meio do olhar do outro, e a compreensão interna da passagem do tempo, do olhar da pessoa sobre si mesma. Comparando as perspectivas de pessoas na faixa dos sessenta anos de idade e as de pessoas com mais de oitenta anos, o autor abordou alguns mecanismos de adaptação da existência desenvolvidos por esses interlocutores.

A teoria do desapego da qual ele se utiliza demonstra e busca compreender como muitas vezes a pessoa deixa de realizar determinadas atividades, para as quais ela acabaria se expondo de maneira potencialmente perigosa – como no caso de atividades prolongadas ao ar livre, em espaços pouco preparados para suas necessidades, ou de práticas esportivas mais intensas –, para manter sua conexão com o mundo, preservar alguma forma de apego com o exterior. Seu texto problematiza esses momentos de retraimento que podem se configurar como transições para novas formas de engajamento social ou se traduzir em decadência, por conta da falta de condições físicas e/ou ambientais para novas formas de pertencimento.

Dois textos de maior fôlego teórico tocam em uma questão que vem sendo iluminada recentemente pela pesquisa

antropológica sobre o envelhecimento: a saber, a invisibilidade do corpo envelhecido, trabalhada neste volume por Paula Sibilia e Guita Debert. Ainda que dividindo o mesmo pano de fundo, por assim dizer, os dois artigos expressam de maneiras diferentes a questão: um de maneira mais trágica e outro de forma um pouco mais analítica.

Em “A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas”, Sibilia faz uma análise da maquinaria de produção de verdades na sociedade contemporânea em relação aos discursos relacionados ao envelhecimento. Segundo a autora, a tríplice aliança entre mídia, tecnociência e mercado produz uma ideia forte de que o passar dos anos é prejudicial para a pessoa, resulta em uma distância de quem ela realmente é. Por isso as recorrentes referências, sejam em anúncios de indústrias farmacêuticas e de cosméticos ou na construção de argumentos médicos, a investimentos que a pessoa deve fazer para se sentir mais confortável consigo mesma, como se fosse possível aparar as marcas do estrago temporal em um corpo que cada vez mais ela passa a *carregar* ao invés de *ser*. Como já comentado no texto de Azize, aqui também subjaz a instigante ideia de que só o jovem é, de que o *self* é constituído pelas impressões da juventude e que da vida adulta em diante a existência parece se pautar em um contínuo e desgastante processo de busca pelo retorno a si mesma.⁴

Ao retomar a ideia de Goldenberg do corpo – sobretudo o feminino – como um capital no contexto brasileiro, e de Guy Debord, a respeito da importância da imagem para a constituição das identidades na contemporaneidade, Sibilia fala do sofrimento de um envelhecer que cada vez mais deixa de representar ganhos na maturidade e se converte em perdas, sobretudo em termos de conquistas afetivas e sexuais. Portar os sinais do envelhecimento

⁴ “... uma sociedade como a que desponta nos albores do século XXI, na qual o direito de ‘ser alguém’ ou ‘ser eu’ é um privilégio só concedido aos jovens. Ou àqueles que, pelo menos, conseguem certo sucesso na árdua tarefa de aparentar que o continuam sendo.” (p. 107)

torna-se crescentemente um gesto obscuro e a autora esforça-se por ilustrar uma ambivalência dos tempos em que vivemos: ao passo em que aumenta a expectativa média de vida, diminuem as representações disponíveis de velhos e velhas. A crescente democratização dos direitos à velhice parece vir acompanhada de uma massificação do dever da jovialidade, dos investimentos e esforços individuais para a suavização das marcas do tempo nos corpos de homens e, sobretudo, mulheres. A boa forma torna-se um dever.

De acordo com a proposta de Debert, essa visão poderia ser enquadrada em uma perspectiva que encara o corpo humano como uma espécie de prisão. Em busca de uma visão abrangente sobre as formas de apropriação e produção da tecnologia para rejuvenescimento, Debert chega a quatro abordagens possíveis sobre o assunto em “Velhice e tecnologias do rejuvenescimento”. Vendo o corpo como uma prisão, as tecnologias de beleza contribuem para a reprodução das desigualdades de gênero porque, travestidas da necessidade constante de atenuamento dos sinais de envelhecimento, incidiriam mais fortemente sobre as mulheres. Para a autora, a visão que encara a indústria da beleza como inimiga política do feminismo vem sendo criticada por trabalhos que ilustram a crescente apropriação de tecnologias e produtos para rejuvenescimento pelo público masculino e também por pesquisadores que encaram como libertadoras as possibilidades de abertura ao dimorfismo sexual proporcionadas por intervenções cirúrgicas e cosméticas.

Como continuidade desta crítica, encontra-se a segunda abordagem prevista por Debert: a saber, aquela que encara essa indústria como fornecedora de instrumentos para a reconstrução do corpo a despeito de determinações biológicas. A tecnociência, nesse sentido teria um caráter libertador na medida em que potencializa corporalmente a retórica contemporânea da transformação pessoal ilimitada.

A terceira perspectiva é aquela que encara a indústria da beleza como uma possibilidade de superação do dimorfismo

sexual, a partir de trabalhos que remontam ao surgimento de técnicas da cirurgia plástica, por exemplo. A ideia seria entender como as tecnologias vêm sendo utilizadas por homens e mulheres ao longo de sua história. De certa forma radicalizando essa posição, a quarta e última abordagem possível ao tema diz respeito ao olhar centrado nas possibilidades de agenciamento e autotransformação que constituem os seres humanos a partir da concepção de que nada é essencialmente natural, já dado, em sua estrutura. Tomar o corpo humano como um *cyborg* já no início da reflexão pode, no entanto, contribuir para a construção de uma visão exagerada das possibilidades de transformação, como se as vontades e capacidades individuais independessem de determinações e constrangimentos de ordem social, econômica e histórica.⁵ Dispondo as abordagens sobre o tema em um eixo que vai da prisão do corpo à liberdade praticamente irrestrita, Debert considera que a ênfase no agenciamento, que marca as reterizações sobre a cultura das últimas décadas, trouxe dimensões interessantes para a reflexão sobre a indústria da beleza. Contudo, o interesse relativamente reduzido que essas novas abordagens têm pela questão do poder e pela dimensão

⁵ “Nessa perspectiva, o corpo não pode ser visto como objeto a-histórico, biologicamente dado, não cultural, ou como uma substância puramente dada (reino da natureza) em cima da qual vai se inscrever a ordem da cultura. Mas se apresenta como corporalidade ou corporificação, uma experiência que reúne afetos, afeições, *habitus*, como diz Czordas. A ênfase no agenciamento, que marca as reterizações sobre a cultura das últimas décadas, traz dimensões interessantes para a reflexão sobre a indústria da beleza, redirecionando a preocupação para o corpo vivido, representado e utilizado de forma específica, nas diferentes modalidades dessa indústria. Contudo, o interesse relativamente reduzido que essas novas abordagens têm pela questão do poder e pela dimensão histórica das práticas sociais leva a uma ênfase às vezes exagerada na flexibilidade das trajetórias individuais. Os constrangimentos sociais e econômicos são minimizados e as desigualdades parecem poder ser facilmente neutralizadas. Violência e destituição humana transformam-se em problemas de falta de confiança em si mesmo ou de dificuldade de compreensão das informações sobre as formas de acesso às novas tecnologias postas a serviço da beleza, da juventude, da saúde e do bem-estar.” (p. 78)

histórica das práticas sociais leva a uma ênfase às vezes exagerada na flexibilidade das trajetórias individuais e a uma descaracterização e neutralização de constrangimentos sociais e econômicos. Violência e destituição humana transformam-se em problemas como falta de confiança em si mesmo ou dificuldade de compreensão das informações e formas de acesso às novas tecnologias postas a serviço da beleza, da juventude, da saúde e do bem-estar.

Não gratuitamente, o texto que encerra esta coletânea, que se propõe a discutir o envelhecimento, disserta sobre a morte. José Carlos Rodrigues, em “Imagens e significados da morte no Ocidente”, aborda as transformações nas mentalidades e sensibilidades acerca da finitude humana desde os primeiros registros de sociedade já encontrados, em estilo de grande narrativa histórico-antropológica. Buscando reunir e organizar uma multiplicidade de fenômenos em apenas alguns tipos, sua análise começa com a questão do sepultamento, que em muito teria ultrapassado, graças à inventividade própria da cultura, a dimensão higiênica do simples descarte do cadáver.

Dispondo as diversas atitudes histórias do homem perante o paradoxo da morte, Rodrigues traça um contínuo que vai da convivência cotidiana com cemitérios, localizados nos centros das aldeias medievais, e dos momentos coletivizados de falecimento, até os dias atuais, em que a morte se torna cada vez mais algo privado e tabu. Para o autor, o movimento se coaduna à lógica do sistema econômico capitalista, onde a finitude da vida parece ser mais incisiva, pois destrói seu principal mito de sustentação, a propriedade privada.

O texto e o livro terminam com reflexões sobre as possibilidades futuras de desenvolvimento de tecnologias de prolongamento da vida e até mesmo de utopias de imortalidade, entre as quais Rodrigues elege a criogenia⁶ e a clonagem como os

⁶ “Trata-se de uma técnica de conservação que consiste em substituir o sangue da pessoa, alguns segundos após ter sido considerada morta, por uma solução capaz de preservar os tecidos contra a decomposição. Aí o corpo deverá

maiores expoentes. Contrastando com a moral medieval, que previa uma nova vida, santa e tranquila, após a morte, para praticamente todas as pessoas – salvo em raros casos de excomunicação –, a moral contemporânea produz indivíduos desesperados e aflitos com a iminência da deterioração daquilo que possuem, dispostos a pagar altos preços por técnicas incertas que supostamente lhes garantem a continuidade da mesma existência. Mais uma vez, as relações de poder e a responsabilização individual perpassam a questão, agora não mais apenas do envelhecimento saudável, mas também de uma potencial vida após a morte.

A perspectiva crítica que a obra como um todo lança sobre tendências contemporâneas de valorização da juventude e da jovialidade, reprivatização e responsabilização individual pelo envelhecimento e constituição da boa forma como um dever moral, abre espaço para a ascensão de novos significados associados a essa etapa da vida. Como Goldenberg coloca na Apresentação do volume, ideais de liberdade e felicidade emergem como novos conteúdos para homens e mulheres que, no balanço entre as perdas e os ganhos da maturidade, encontram na experiência de mais anos de vida a possibilidade de novas realizações e conquistas.

Referências bibliográficas

DEBERT, Guita Grin. A Cultura Adulta e a Juventude como Valor. *Kairós* 7(2), 2004, pp.21–44.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 2002. [Tradução: Plínio Dentzien]

aguardar até que o desenvolvimento da ciência venha a permitir a descoberta de meios de superação da(s) doença(s) de que o indivíduo teria morrido. Apesar da incerteza que apresenta, com custos relativamente altos, o empreendimento se desenvolve com certa rapidez: diversas cidades americanas têm já suas centrais de criogenização à espera do dia do Grande Degelo – versão em linguagem contemporânea do grande despertar medieval!” (p.385)